

# DO CÉREBRO HUMANO À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INFORMAÇÃO POR DESÍGNIO OU IRONIA?

CARMEN MATOS ABREU\*

**Resumo:** Nos Colóquios Internacionais MEDINFOR – A Medicina na Era da Informação, apresentamos alguns romances de médicos-escretores que têm contribuído para veicular ao leitor informações de carácter médico-social. Neste MEDINFOR VI, o romance *O Vendedor de Sonhos*, escrito em 2017, ocupar-nos-á a atenção investigativa no que concerne à interdisciplinaridade com a Ciência da Informação. Augusto Cury, distinto médico-cultural de São Paulo, Brasil, é um psiquiatra e psicanalista, e a par das imensas publicações científicas tem-se vindo a amplamente debruçar sobre a escrita ficcional. Responsável pelo conceito de *Inteligência Multifocal*, a IA é também questionada enquanto organizadora de sistemas informativos colocados em tensão com a inteligência humana, bem como com as relações interpessoais formatadas por pensamentos, emoções e ações de incidência quotidiana.

**Palavras-chave:** Augusto Cury; Ciência da Informação; IA; Inteligência Multifocal; Literatura.

**Abstract:** In several MEDINFOR International Conferences – Medicine in the Information Age, we have presented some novels by doctors-writers that contribute to the reader's information about medical-social issues. The novel *O Vendedor de Sonhos* was written in 2017 and in this MEDINFOR VI will occupy our investigative attention regarding interdisciplinarity with Information Science. Augusto Cury is a distinguished cultural doctor from São Paulo, Brazil, he is a psychiatrist, psychoanalyst and alongside his immense scientific publications he has extensively focused on fictional writing. Responsible for the Multifocal Intelligence concept, AI is also questioned as an organiser of information systems which the doctor places in tension with human intelligence, as well as interpersonal relationships arising from thoughts, emotions, and actions of everyday life.

**Keywords:** Augusto Cury; Information Science; AI; Multifocal Intelligence; Literature.

Neste Colóquio Internacional MEDINFOR, entidade científica que já conta a 6.<sup>a</sup> edição entre Brasil e Portugal, desta vez na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cabia-me cumprir uma promessa que verbalmente deixei no colóquio anterior, numa realização *online*, pelas razões pandémicas conhecidas, que no MEDINFOR seguinte apresentaria um trabalho sobre um médico-cultural brasileiro. Na verdade, difícil foi mesmo escolher!... Devo confessar que, neste propósito, fui conscientemente atraída por um tipo de texto que veiculasse algo de diferente dos que até aqui têm vindo a ser reportados no âmbito destas palestras, geralmente levantando o véu informativo acerca dos métodos empregados no tratamento de diferentes abordagens sobre patologias das personagens que, aqui e além, vão espreitando nos romances desses escritores-médicos. Nesta investida, busquei um romance que na sua relação entre a Literatura e a Ciência da Informação deixasse o leitor

---

\* Universidade do Porto – Faculdade de Letras/CITCEM (UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: [carmen.m.abreu@gmail.com](mailto:carmen.m.abreu@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5723-1120>.

alertado para quadros de vida comportamentais, lhe chamasse a atenção para as relações interpessoais quer de estádios de dúvida, mero desequilíbrio psicológico, ou mesmo situações já no limite da capacidade humana para solver alguns problemas que assaltam a psique. Elegi o médico-cultural Augusto Cury, paulista, Professor na Universidade de São Paulo, psiquiatra, psicanalista e escritor brasileiro, cujos imensos romances de autoajuda e reflexão publicados foram, ao longo da sua vida, permeando os incontáveis trabalhos científicos a que se dedicou por profissão. Naturalmente que será o primeiro grupo, o da escrita de ficção, aquele a que dedicaremos a nossa atenção, e mais objetivamente ao romance *O Vendedor de Sonhos – o chamamento*, constituído por um *corpus* reflexivo e con-vite à análise da mente humana em exercício social através dos pensamentos, emoções, gestos e ações que todos reconheceremos no espaço quotidiano.

Internacionalmente conhecido e reconhecido, quer pela sua obra ficcional quer científica, com publicações e patamar de vendas elevadíssimo em vários países, será, contudo, útil dedicar algumas, ainda que breves, palavras à apresentação deste médico. Contemporâneo, psiquiatra e psicanalista por especialização académica, Augusto Cury é ainda um insigne escritor romanesco, cujas tramas se desenvolvem em torno de desajustes psicológicos nos comportamentos humanos, resultando os enredos, talvez como enfoque primordial da sua escrita, em quadros de autoajuda e desenvolvimento pessoal através de estratégias romanescas em que explora a complexidade da mente humana através de emoções, grandes responsáveis pelos comportamentos<sup>1</sup> em exercício social. Sempre na busca da felicidade, Augusto Cury cria estratégias de superação de traumas através da comunicação dialógica, cujo método socrático busca a eficácia requerida no interlocutor, espelhando e apontando soluções práticas para problemas psicológicos e emocionais. Assim acontece no romance *O Vendedor de Sonhos*, narrativa que apresenta ao leitor o tenaz empenho de um pseudovendedor ambulante, José, que viajando pelo país se dedica à ajuda de todos os que encontra em iminente desequilíbrio psicológico, se não para encontrarem a felicidade, pelo menos para lhes abrir a mente a outras possibilidades de comportamento nessa direção.

Em tonalidades sociais diversas, numa linguagem simples, mas expressiva e assertiva, demonstrando interesse e aparente desinteresse pelo seu visado interlocutor, em todos os diálogos do narrador-personagem deste romance se pressente o esforço de incutir autoestima e superação de traumas psicológicos nas restantes personagens, algumas por vezes tendentes ao suicídio. É logo no «Prefácio» que Augusto Cury afirma a sua atitude perante a escrita, bem evidente de que pretende passar informação ao público e não apenas criar uma trama que se confine em si mesma, isto é, que para além do entretenimento

---

<sup>1</sup> «Pitágoras sonhava que os seus discípulos aprendessem pelo menos três excelentes funções intelectuais: capacidade de reconhecer erros, de se colocarem no lugar dos outros e de pensarem nas consequências dos seus comportamentos» (Cury 2011, p. 82).

romanesco não deixe mensagem ou aconselhamento, bem como um convite à reflexão ao encerrar da obra romanesca:

*Este é o meu quarto livro de ficção e meu vigésimo segundo livro. Os meus romances [...] não pretendiam criar tramas que apenas entretêm, divertem, excitam a emoção. Todos eles envolvem teses psicológicas, psiquiátricas, sociológicas e filosóficas. Têm intenção de provocar o debate, viajar no mundo das ideias e ultrapassar as fronteiras do preconceito* (Cury 2021 [2017], p. 15).

Neste pronto manifesto de intenções e propósitos narrativos curyanos não restam dúvidas ao leitor de que se irá encontrar com quadros ficcionais de matizes realistas, podendo-se admitir, sem grande probabilidade de erro, que, se não todos, pelo menos alguns episódios decorrem do seu saber e fazer médico psiquiatra, de enorme sensibilidade às inter-relações sociais e às emoções individuais<sup>2</sup>, nunca descurando as causas da problemática. Ainda assim, Cury não deixa de se escudar na aura ficcional quando se classifica como sendo «um artesão de palavras» (Cury 2021 [2017], p. 15), e dirige-se ao leitor afirmando-lhe que «Verá neste romance diversos pensamentos que foram esculpidos depois de terem sido reescritos, forjados na minha psique, dez ou vinte vezes» (Cury 2021 [2017], p. 15).

Para clarificação dos seus intentos narrativos é curiosa a necessidade, que o autor demonstra nos cuidadosos esclarecimentos prefaciais. Reparemos, pois, nas seguintes informações que consideramos deveras interessantes:

*A personagem principal é dotada de uma ousadia sem precedentes. Esconde muitos segredos. Nada, ninguém consegue controlar os seus gestos e as suas palavras, a não ser a sua própria consciência. Sai bradando aos quatro ventos que as sociedades modernas se tornaram um grande manicómio global, onde o normal é ser ansioso, stressado, e o anormal é ser saudável, tranquilo, sereno. Instiga a mente de todos os que passam por ele, seja nas ruas, nas empresas, nos centros comerciais, nas escolas, com o método socrático. Torpedeia as pessoas com inúmeras perguntas* (Cury 2021 [2017], p. 16).

Nesta sarcástica apresentação do protagonista desenha-se claramente uma sociedade em que a ironia organiza a imagem literária do mundo às avessas, confirmada pelo acrescento que «Na contramão da massacrante rotina social estão as personagens deste romance» (Cury 2021 [2017], p. 17).

---

<sup>2</sup> No romance *O Médico da Emoção*, Cury escreve que «Não existem nas universidades modelos de formação, seja nos cursos de psicologia, de psiquiatria ou de advocacia, para a construção de pontes socioemocionais nas situações de conflito. Somos maduros no uso de tecnologias digitais, mas crianças a usar as ferramentas de gestão da emoção» (Cury 2022, p. 104).

No vigésimo andar do «Edifício San Pablo, pertencente ao grupo Megasoft, um dos maiores conglomerados empresariais do mundo» (Cury 2021 [2017], p. 19) — que num esforço de realismo literário o narrador-personagem acrescenta que estava situado «no cruzamento da Rua América com a Avenida Europa» (Cury 2021 [2017], p. 19) — encontrava-se um suicida, homem de quarenta anos, cuja:

*erudição, esculpida por muitos anos de instrução, agora resumia-se a pó. [...] Das cinco línguas que falava, nenhuma lhe fora útil para comunicar consigo mesmo; nenhuma lhe dera condições para compreender o idioma dos seus fantasmas interiores. Fora asfiziado por uma crise depressiva. Vivia sem sentido. Nada o encantava* (Cury 2021 [2017], p. 20).

Sob grande e aparatosa expectativa de uma multidão, o suicida fora entretanto auxiliado, embora sem visível êxito, pelo aparelho civil de socorros, por um psiquiatra e demais entidades, mas nem o médico nem todos os restantes esforços o demoviam. Tratava-se de Júlio César Lambert, um professor universitário. Até que irrompe da multidão uma figura maltrapilha, sem aparente autoridade que a credenciasse perante a dramática imagem, a qual, aproximando-se do suicida, se colocou na sua proximidade e, com inusitada indiferença, sentou-se, pegou numa sanduíche que comeu com satisfação, assobiando notas musicais de felicidade.

*O suicida ficou abalado. Sentiu-se desprestigiado, afrontado, desrespeitado nos seus sentimentos. Aos berros, clamou:*

*— Pare com essa música. Vou atirar-me.*

*Intrépido, o estranho homem reagiu:*

*— Quer fazer o favor de não perturbar o meu jantar?! — disse com veemência.*

*E deu mais umas boas mordidas, mexendo as pernas com prazer. Em seguida, olhou para o suicida e fez um gesto, oferecendo-lhe um pedaço.*

*Ao ver esse gesto, o chefe de polícia mexeu os lábios, o psiquiatra arregalou os olhos e o chefe dos bombeiros franziu a testa, perplexo.*

*O suicida ficou sem reação. Pensou pra consigo: «Não é possível! Encontrei alguém mais maluco do que eu»* (Cury 2021 [2017], p. 23).

Neste momento de clímax que logo se esboça ao iniciar da trama, nesta tensão entre a morte e a indiferença de alguém perante a malograda decisão de outro alguém que se queria matar, apesar da confusão mental experimentada admite-se que Júlio César Lambert terá tido ímpetos de tomada de consciência, clarões de perturbada lucidez, instintivos reflexos sobre a ilimitada possibilidade do sofrimento humano. A loucura do outro apresentava-se, neste insólito quadro de ajuda, como a provável necessidade

para solução do problema de alguém que se posicionava no limite da sua resistência. O maltrapilho José, o vendedor de sonhos, mais tarde ainda apelidado de Mestre, ia reagindo com invulgar indiferença, recitando em alta voz um poema filosófico dirigido ao suicida. Pasmado, este reagiu:

— *Quem é você para querer assassinar o meu passado?! Que direito tem de destruir a minha infância? Que ousadia é essa?*

*Após agredir o invasor com estas frases, caiu em si e pensou: «Será que não sou eu o autor desse assassinato?» Mas lutava para dissipar qualquer ponderação* (Cury 2021 [2017], p. 27).

Toda a obra se espria neste tipo de tensão, também com as restantes personagens. Mantendo-se o enfoque em Júlio César, fica-se a saber que este:

*era portador de um raciocínio arguto, rápido, privilegiado. Na sua promissora carreira académica, quando defendera as suas teses de mestrado e doutoramento, obtivera máximas com louvor. Também tinha participado em muitos júris como avaliador de trabalhos alheios. Perturbava mestrandos e doutorandos com as suas críticas ácidas. Sempre fora um ególatra, e sua expectativa era a de que os outros gravitassem na órbita da sua inteligência. Agora, no entanto, participava de uma apresentação cujo avaliador era um maltrapilho. Sentia-se uma criança indefesa diante dos próprios medos e da própria falta de sabedoria* (Cury 2021 [2017], pp. 36-37).

E uma vez mais, neste breve discurso, a escrita curyana inverte a ordem social instalada, ironizando em torno de realidades ocultas<sup>3</sup> que agridem os comportamentos humanos em exercício social, desmascarando-os num quadro de outra imagem literária, a do ser e parecer. Nada era o que parecia nas personagens de *O Vendedor de Sonhos*, e só o narrador-personagem, que empresta o título à obra, consegue chegar ao âmago das emoções, presentes e passadas. Augusto Cury não se oculta como médico. Ao longo de toda a trama está presente, em cada página, o médico psiquiatra e psicanalista que entretece vidas e as romanceia para lhes retirar a maquilhagem que as sufoca, entreteendo o leitor, mas, e sobretudo, alertando-o e informando-o das sinuosidades sociais que lhe possam retirar a liberdade de Ser. Quando já estava em grupo, o académico Júlio César Lambert, autocaracterizando-se como «o mais culto da equipa, era [contudo] o mais engessado» (Cury 2021 [2017], p.134), argumenta de si para si:

---

<sup>3</sup> «Sábio é quem tem coragem de identificar as suas loucuras, procurando superá-las. Não esconde a sua irracionalidade, trata-a. Muitos impulsivos ferem durante toda a vida os seus íntimos porque nunca assumiram a sua ansiedade. Somos ótimos a esconder-nos» (Cury 2005, p. 56).

*Se me pedissem para lhe dar uma aula para mostrar minha cultura, eu não teria grande trabalho, mas conquistar um estranho, que é meu semelhante, sem usar o poder da informação, era para mim uma tarefa dantesca. Eu sabia falar para grandes plateias, mas não sabia encantar um ser humano com o que sou. Fora treinado para falar de Kant, Hegel, Auguste Comte, Marx, mas não sobre mim. O sistema tinha achincalhado nossa humanidade. E eu alimentara-o (Cury 2021 [2017], pp. 133-134).*

De registar que o brevíssimo espaço desta apresentação obriga-nos a avançar múltiplos e extraordinários episódios romanescos desta obra, cumprindo ainda acrescentar-se que Augusto Cury é o pai da Teoria da Inteligência Multifocal, através da qual visa explicar o funcionamento da mente humana e como exercer maior domínio sobre a nossa vida por meio da inteligência e pensamento, preocupação amplamente pressentida neste romance. Noutra obra literária, exatamente com o nome *Inteligência Multifocal*, logo na «Introdução», Cury, resumidamente, explica o conceito por ele criado:

*A jornada mais interessante que o ser humano pode empreender não é a que ele faz quando viaja pelo espaço ou quando navega pela Internet. Não! A viagem mais interessante é a que ele empreende quando se interioriza, quando caminha pelas avenidas do seu próprio ser e procura as origens da sua inteligência e os fenómenos que realizam o espetáculo da construção de pensamentos e da «fábrica das emoções» (Cury 2017, p. 9).*

Penetrar no âmago de todas as personagens é o percurso interior que este médico-cultural explora no romance *O Vendedor de Sonhos*, com particular incidência em Júlio César Lambert, conforme já se referiu. Incontornável de receber o nosso apontamento torna-se outro episódio em que, numa feira de informática, discursando publicamente para todos os que o seguiam, o Mestre clamou:

*O sistema produziu a Internet e os celulares, gerando uma revolução na comunicação e no acesso à informação nunca vista na história. As pessoas tornaram-se desinibidas diante de aparelhos, mas não perante faces concretas. Não dialogar com os outros é um ato tolerável, mas não dialogar consigo mesmo é um ato insuportável (Cury 2021 [2017], p. 163).*

Até que, do meio da multidão, sobressai um cientista que interpela o Mestre, decorrendo o diálogo nestes termos:

*— Você é um leigo em inteligência artificial. Em poucos anos teremos máquinas que superarão o cérebro humano. Elas terão a programação da mente humana, com a vantagem de possuírem uma memória superior. Será a mais fantástica construção. Espere e verá!*

*O mestre aceitou o debate:*

— *Discordo! Os computadores estarão eternamente condenados ao sono da inconsciência. Nunca terão conflitos. Jamais se inquietarão com a procura de suas origens e de seu fim. Não produzirão filosofia nem religião. Serão sempre escravos de programas.*

*Fiquei pensando: «Onde o mestre aprendeu essas informações? Como consegue discutir com segurança assuntos polémicos?» De outro lado, os engenheiros de informática e programadores que o ouviram ficaram embaraçados.*

— *Será que o sono da inconsciência nunca será despertado pela inteligência artificial? Será que os computadores jamais saberão que existem?*

— *Nossos conflitos denunciam nossa complexidade. Se não conseguimos ficar felizes por os ter, pelo menos deveríamos admirá-los como frutos de nossa grandeza psíquica* (Cury 2021 [2017], pp. 161-162).

Muitíssimo haveria a referir acerca do romance *O Vendedor de Sonhos*, analisado e discutido por vários especialistas em Literatura, Psicologia, Psicanálise e outras áreas relacionadas, sendo inegavelmente considerado um manancial de motes reflexivos que inquietam e convidam o leitor a um permanente exercício de autorreflexão acerca das suas ideias, da construção dos seus pensamentos e da maneira como se relaciona consigo próprio, com o outro, com o mundo, mas também com as máquinas.

No espaço deste Colóquio dedicado a «Médicos-cultural, memória, identidade e património», Augusto Cury é um baluarte da memória e memórias a reter nos anais dos arquivos da Ciência, e quando Janaína Conceição e José Cláudio Oliveira referem «Ao pensarmos em arquivos, bibliotecas e museus precisamos de ter em mente que o que está ali representado é fruto de um processo de escolha, que vai resultar no que deve ser lembrado e no que deve ser esquecido» (Oliveira, org., 2022, p. 86), o elevado mérito de Augusto Cury irá colocá-lo no espaço daqueles que nas suas existências deixaram muitíssimo saber à Humanidade, em prol do equilíbrio, bem-estar e felicidade de todo o Homem.

Sabidamente, como qualquer obra romanesca de escritores médicos, também esta nunca poderia estar cientificamente relacionada com a Ciência da Informação. Todavia, se de informação médica a disseminar pelo público se trata, a obra de Cury é um desafio desconcertante às consciências instaladas no mundo das ideias e sociabilidades. Conforme já referido, escrito em linguagem acessível a qualquer leitor, imerso numa estética que se afirma no realismo literário por pretender fazer prova de verosimilhança dos factos narrados ao promover a verdade que se esconde atrás da ficção, por si só este romance é um extraordinário documento médico informativo, não deixando escapar a abordagem acerca do impacto da tecnologia em geral, da Internet e da inteligência artificial no atual consumo e produção de informação, sem ainda descurar o papel dos

média e da publicidade nas percepções que transmitem ao público. O conceito de informação acompanha a representação de cada personagem. Escrito em 2017, *O Vendedor de Sonhos* espelha o contexto histórico-social vigente através do suporte científico do escritor e das suas influências de estudo, e sob este ponto de vista poder-se-á reconhecer uma extraordinária ligação da obra de Cury à Ciência da Informação — informação acerca da mente, das emoções, da ética, do universo de consciência individual e suas falhas, aquisições, superações, ou seja, acerca da evolução de cada homem a partir do contexto diário. Existe todo um código de conduta individual e social neste romance que genericamente se encontra assim definido em *Elogio do Silêncio*, de Marc Smedt:

*o sucesso das ficções romanescas [...] não é apenas a história, recreativa e dramática, que interessa ao leitor, mas também a quantidade de descrições psicológicas e comportamentais onde a diversidade ensina, no sentido particular, e de modo mais forte do que o que acontece apenas nos diálogos trocados entre as personagens principais* (Smedt 2003, p. 26).

Almejando o desenvolvimento pessoal, vender sonhos é o fazer despertar a vontade em cada pessoa por uma vida melhor. Por ironia ou desígnio, a dado momento as personagens chegam a ser implicitamente convidadas a confrontarem-se entre o poder do cérebro humano<sup>4</sup> e a inteligência artificial, convidadas a despirem-se de preconceitos, egoísmo, arrogância, e sobretudo contribuindo para que não sejam elas a sufocarem a sociedade que as rodeia. Esta é uma luta individual e silenciosa a qual, para a vencer, sonhar com perseverança é a palavra-chave de Augusto Cury — foi, pois, com estas palavras que este médico-cultural encerrou uma palestra proferida nesta cidade do Porto, no Teatro Sá da Bandeira, no passado dia 12 de setembro: «Nunca desistas dos teus sonhos!»

## REFERÊNCIAS

- BENNETT, Arnold, 2018 [1908]. *The Human Machine* [EUA: s.n.].
- CURY, Augusto, 2022. *O Médico da emoção*. Lisboa: Pergaminho.
- CURY, Augusto, 2021 [2017]. *O Vendedor de Sonhos: o chamamento*. 4.ª ed. Alfragide: Lua de Papel.
- CURY, Augusto, 2017. *Inteligência Multifocal*. 2.ª ed. Lisboa: Pergaminho.
- CURY, Augusto, 2016. *Você é insubstituível*. 2.ª ed. Lisboa: Pergaminho.
- CURY, Augusto, 2013. *Jovens brilhantes, mentes fascinantes*. Lisboa: Pergaminho.
- CURY, Augusto, 2011. *O Semeador de Ideias*. Lisboa: Planeta.
- CURY, Augusto, 2009 [2006]. *Doze semanas para mudar uma vida*. Lisboa: Pergaminho.

---

<sup>4</sup> Na obra *The Human Machine*, Arnold Bennett escreve «And when I say “the human machine” I mean the brain and the body — and chiefly the brain. The expression of the soul by means of the brain and body is what we call the art of “living”» (Bennett 2018 [1908]). O dito equilíbrio será a tal arte de viver buscada por Augusto Cury nas suas obras ao analisar o corpo e a mente das suas personagens.

CURY, Augusto, 2005. *Nunca desista dos seus sonhos*. Lisboa: Pergaminho.

OLIVEIRA, José Cláudio, org., 2022. *Patrimônio, Culturas e Memória*. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação.

SMEDT, Marc de, 2003. *Elogio do Silêncio*. Porto: Público. Coleção XIX livros para pensar, n.º 8.